

Medalhas de Owens valem filme

RAÇA olímpica

Alguns dos maiores atletas de sempre dos Jogos são negros. Foi uma luta difícil, mas imparável depois do feito de Jesse Owens, há exatamente oito décadas. Bom pretexto para abordar o papel social da maior competição desportiva do planeta

Há 80 anos, em Berlim, um atleta negro norte-americano ganhava quatro medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos e mostrava, de forma inequívoca, como os preconceitos raciais ainda dominantes em grande parte do mundo, mas principalmente num país que proclamava a superioridade ariana, podiam ser estilizados numa corrida de 100 metros.

Jesse Owens foi o protagonista daquele momento incontornável na história das olimpíadas, e a sua proeza chega este ano aos ecrãs de cinema, com o filme *Race: 10 Segundos de Liberdade*. Em agosto, o filme de Stephen Hopkins estreia em Portugal, e será um bom motivo para refletirmos sobre a nossa própria história neste campo, iniciada com os muitas vezes esquecidos Gentil dos Santos e Karel Pott.

ALEMANHA, 1936

Por muitas razões, os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, são dos mais marcantes da história. Acima de tudo, porque representaram a necessidade de a Alemanha mostrar a sua força ao mundo. Hitler subira ao poder em 1933 (os Jogos tinham sido atribuídos em 1931) e queria fazer uma demonstração do poderio da nação. Propaganda como nunca antes acontecera: o orçamento dos Jogos foi ampliado em vinte vezes, tendo sido construído o mais moderno complexo desportivo até à época, com o Estádio Olímpico de Berlim (com capacidade para 100 mil espetadores) como ponto central. Foi criado o cortejo da chama olímpica,

de uma forma que se prolonga até hoje, sendo a chegada da chama saudada por um sino gigante com a inscrição “Eu chamo os jovens do mundo”. Foram retiradas dos arredores da cidade olímpica todas as referências antisemitas, e até o jornal nazi *Der Stürmer*, foi recolhido das bancas.

A Alemanha de Hitler tentava apresentar-se como uma nação pacífica e aberta ao mundo, mas queria, sobretudo, ganhar. É verdade que acabou por liderar na conquista de medalhas (33 de ouro, contra 24 dos Estados Unidos), mas ficou alguma amargura por perder nos desportos coletivos (hóquei em campo, futebol e pólo aquático) e, sobretudo, por ser palco da consagração de um desconhecido atleta negro norte-americano, chamado Jesse Owens, que conquistou quatro medalhas de ouro (100 e 200 metros, salto em comprimento e estafeta 4x100 metros). Numa altura em que os preconceitos contra os negros eram ainda muito fortes, e sabendo-se também que os estigmas raciais caracterizavam a nova Alemanha de Hitler, os feitos de Owens ganharam dimensão mundial e histórica.

Contou-se, então, que, incomodado com a superioridade de Owens, o chanceler não mais desceu da tribuna e que até se terá retirado quando o norte-americano derrotou o alemão Lutz Long nos 200 metros. Na verdade, não terá sido bem assim: Hitler terá optado por não cumprimentar mais atletas vencedores para não atrapalhar o andamento normal dos Jogos e, segundo o próprio Owens, até o terá, de

certa forma, congratulado: “Quando eu passei, o chanceler ergueu-se e acenou com a mão para mim, e eu respondi ao aceno.” O mesmo Owens coloca a questão numa dimensão diferente, ao escrever, na sua biografia, que quem o dececionou mais foi, afinal, o próprio presidente dos Estados Unidos: “Não foi Hitler que me ignorou, quem o fez foi Franklin Delano Roosevelt. O presidente nem sequer me mandou um telegrama.”

ESTADOS UNIDOS, 1936

Subitamente, temos a bola do outro lado do Atlântico. Os Estados Unidos, que haviam sido dos primeiros países a proporem o boicote aos Jogos de Berlim (depois desistiram dessa intenção), tinham imensas dificuldades em lidar com um campeão negro como Jesse Owens. Em 1936, um professor universitário de Nova Iorque, Abel Meeropol, escreveu um poema, em três estrofes, chamado *Strange Fruit*, em que denunciava o linchamento de negros no sul do país: eram assassinados e pendurados em árvores, pelos mais variados motivos, desde roubos e estupro até por simplesmente se dirigirem a um branco de forma considerada desrespeitosa. Três anos mais tarde, a lendária Billie Holiday agarrou no poema e tornou-o uma das suas canções mais marcantes.

Neste cenário, o presidente Franklin D. Roosevelt tinha notórias dificuldades em manter a coerência. A caminho de eleições, não convidou Jesse Owens para ir à Casa Branca porque tinha não se podia arriscar a perder os votos do sul, e

era nos estados do sul que a segregação racial se mostrava mais violenta.

Jesse Owens cresceu nesse ambiente: nasceu em Oakville, no Alabama, a 12 de setembro de 1913, filho de um arrendatário e neto de um escravo, era o mais novo de sete irmãos, conhecido por JC (James Cleveland). Quando, no início da década de 1920, milhão e meio de afro-americanos fugiram à segregação, rumando a norte, a família Owens fez o mesmo. JC tinha nove anos. Em Cleveland, Ohio, quando o seu novo professor lhe perguntou o nome, o seu sotaque sulista soou a “Jesse”, e assim ficou.

Em Cleveland, Jesse tornou-se um atleta excepcional: começou a dar nas vistas na escola, nas provas de salto em altura e em comprimento. Neste período, venceu todas as provas de atletismo, incluindo os campeonatos de Ohio durante três anos consecutivos. As suas vitórias e vários records escolares levaram a que fosse pretendido por muitas universidades. Escolheu a do Estado do Ohio, mas, para a frequentar e suportar-se a si e à sua mulher, Ruth, teve de desempenhar diversas profissões, desde operador de elevador a criado, passando por arrumador de biblioteca...

Entretanto, treinava para se tornar um dos maiores fenómenos desportivos de sempre: em 1935, nos *Big Ten Championships*, bateu três records mundiais e igualou um quarto, em apenas 45 minutos... Tudo isto apesar de sofrer de uma dor nas costas devido à queda numa escada. O que se seguiu, já se sabe: quatro medalhas de ouro nos Jogos de 1936, uma proeza



Proscrito. Jesse Owens ganhou quatro medalhas em Berlim, em 1936, embaraçando Hitler e Roosevelt, que não quis alienar os votantes dos estados do Sul ao reconhecer um atleta negro. Em agosto, chega às salas de cinema um filme sobre a injustiça que marcou a sua vida.

só igualada em 1984, por outro atleta negro, o também lendário Carl Lewis.

O menos que se sabe de Owens é o que se passou a seguir à proeza. Se o atleta acreditava num regresso em festa, rapidamente se desiluiu. Não só não foi felicitado como seria de esperar, como foi ignorado e esquecido, e não voltou a competir. Enquanto a comitiva norte-americana rumava à Suécia, para uma prova, Owens regressou aos Estados Unidos com a esperança de fazer alguns negócios graças ao retumbante sucesso de Berlim. Isso desagradou ao Comité Olímpico norte-americano, que lhe retirou o estatuto de amator e o baniu de todas as competições.

De volta ao país, nada... Ao contrário do que era tradicional, o presidente não lhe enviou qualquer convite para receber os parabéns na Casa Branca. A decepção de Owens foi explícita numa entrevista dada 35 anos depois, em 1971: “Quando voltei ao meu país... não podia andar na parte da frente dos autocarros, só lá atrás. Não podia viver onde queria. Não fui convidado para trocar cumprimentos com Hitler, mas também não fui convidado para ir à Casa Branca trocar cumprimentos com o presidente. Quando voltei dos Jogos, com as quatro medalhas, parecia que toda a gente queria dar-me palmadas nas costas, mas ninguém quis oferecer-me um emprego.”

Foram, pois, tempos muito difíceis. Owens fez o possível para sustentar a família (um negócio de tinturaria, colaboração numa liga de basquetebol para negros, corridas contra cava-

los e carros...), mas, três anos após as quatro medalhas de ouro, declarou falência do ginásio que montara em Chicago. Então, passou a falar e fazer discursos, procurando ajudar os mais jovens a interessarem-se pelo desporto; em 1976, o presidente norte-americano Gerald Ford procurou repor alguma justiça, condecorando-o com a Medalha da Liberdade. Com muitas dificuldades financeiras, Owens morreu quatro anos depois, devido a um cancro nos pulmões.

PORTUGAL, 1936

Nos Jogos Olímpicos de Berlim, Portugal fez-se representar com uma comitiva de 19 elementos, e saiu com uma medalha de bronze em hipismo. Em cinco modalidades (hipismo, atletismo, esgrima, tiro e vela) não havia qualquer atleta negro. A década de 30 tinha, em Portugal, características muito específicas: era a época da afirmação de Salazar como primeiro-ministro, a época em que se construiu um novo regime ditatorial, que ficará para a história como Estado Novo. Salazar idealizou uma sociedade fechada, onde o que vem do estrangeiro é repellido, uma sociedade puritana e disciplinada. A guerra colonial estava distante, como distante estava o desporto praticado por negros.

Por isso, não é possível deixar de realçar a marca histórica de Karel Pott e Gentil dos Santos, os primeiros atletas negros a representarem o país numa olimpiada, em Paris 1924. Como conseguiram eles?

Gentil dos Santos, nascido em Bolama (Guiné-Bissau) em 1899, filho de mãe guineense

► Os atletas do protesto de 1968 foram irradiados do desporto

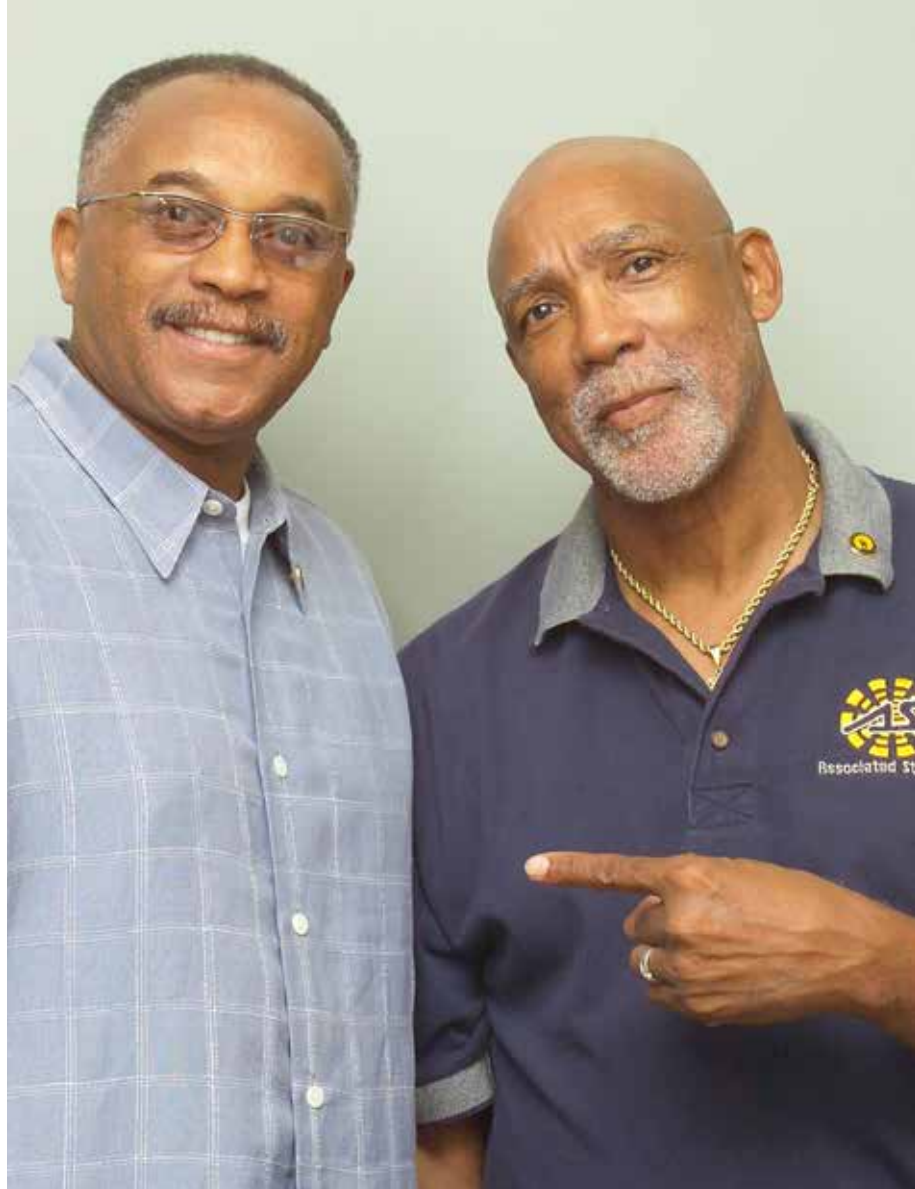
e pai português, estudou veterinária em Lisboa, e no início da década de 20 começou a praticar atletismo no CIF (Club International de Football), então o clube mais poderoso na modalidade. Destacou-se nos 100 e nos 200 metros, e seria nestas provas que, em 1924, representaria Portugal nas olimpíadas de Paris. Segundo crónicas da época, Gentil dos Santos era, igualmente, árbitro de futebol. Nos Jogos de Paris, correu os 100 e os 200 metros, ficando-se pelas eliminatórias, em 4.º e 3.º lugar, respetivamente. Tinha, então, 25 anos. A sua vida prosseguiu depois em São Tomé, onde trabalhou numa roça, a que se seguiu uma fazenda, no Lobito, em Angola. Posteriormente, trabalhou em Luanda.

Karel Pott, nascido em Lourenço Marques, era filho de pai holandês e mãe negra. Dele se conta que terá sido o primeiro mulato moçambicano a obter um diploma de curso superior (direito). Além de estudante emérito, era um atleta brilhante. Quando veio para Portugal, no início da década de 20, fez atletismo no Club Nun'Álvares, do Porto, e de tal forma que acabou por ser incluído na comitiva para os Jogos de Paris. Ele próprio será citado, mais tarde, por um poeta como José Craveirinha: “O Dr. Karel Pott, que foi uma referência muito forte na minha vida, citava muitos exemplos do mundo do desporto para valorizar a nossa luta. Ele costumava citar, além do Joe Louis, o Jesse Owens. Eram homens que sabiam ganhar. Ele próprio praticou desporto, foi o primeiro moçambicano a ir aos Jogos Olímpicos. Ele praticava atletismo e, em 1924, quando chega a Portugal, ganha e é incluído na equipa que Portugal levaria aos Jogos Olímpicos” (revista *Cripta*, 2003). Em Paris, com apenas 19 anos, correu os 100 metros, classificando-se em quinto lugar na eliminatória.

Pott tornar-se-ia depois famoso pelo seu percurso como advogado e pela luta que assumiu contra o *apartheid* em Moçambique. Foi um dos fundadores do jornal *O Brado Africano* e presidente do Grémio Africano, destacando-se pelos protestos contra a discriminação de que eram alvo os alunos negros e mulatos.

Estava-se ainda longe do feito de Jesse Owens em 1936 e, embora comesse a tornar-se um hábito ver os atletas negros dominarem, sobretudo, nas provas de atletismo, faltava ainda muito até que lhes fossem reconhecidos os mesmos direitos e privilégios dos brancos.

Em Portugal, e depois das históricas presenças de Karel Pott e Gentil dos Santos em 1924, foi



preciso esperar vários anos para vermos outro atleta negro destacar-se na representação olímpica nacional. A década de 30 seria, em parte, marcada pelo extraordinário Guilherme Espírito Santo, mas várias condicionantes não lhe permitiram a presença olímpica: a Segunda Guerra Mundial levou a um interregno de 12 anos no grande evento, que depois de 1936 só voltaria a ter lugar em 1948.

Espírito Santo afirmou a sua classe a partir de 1936, no futebol, e entre 1938 e 1942 no atletismo, e tornou-se, inevitavelmente, um símbolo: foi o primeiro jogador negro do Benfica (com o qual foi campeão nacional), e também da seleção nacional de futebol (estreou-se em 1937); no atletismo, foi recordista e campeão no salto em altura, no salto em comprimento e no triplo salto. Chamavam-lhe “Pérola Negra”.

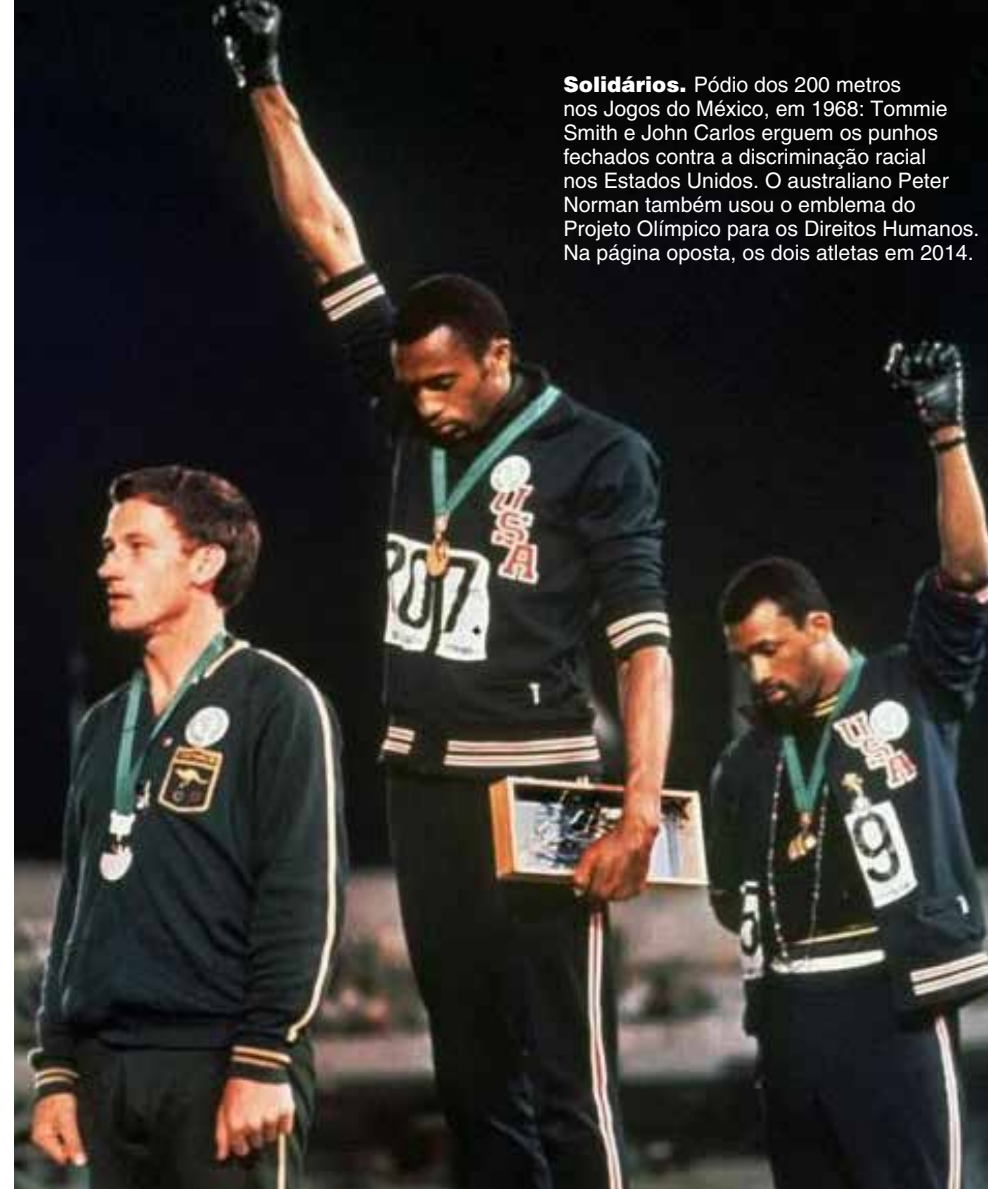
MÉXICO, 1968

O regresso dos Jogos Olímpicos, em 1948, após uma guerra brutal em que morreram alguns grandes atletas, acabou por ter uma sequência lógica, no que respeita à afirmação dos negros. Pela primeira vez, uma mulher negra conquistou uma medalha de ouro: a

norte-americana Alice Marie Coachman, no salto em altura. Originária do segregado sul dos Estados Unidos, também ela sentiu um pouco do mesmo de Owens 12 anos antes, e ao regressar ao país a sua carreira no atletismo terminou, embora tivesse apenas 25 anos. Conta-se que uma cerimónia em sua honra, em Albany, foi alvo de discriminação. Contudo, em 1952 a Coca-Cola contratou-a como porta-voz, tornando-se a primeira mulher negra a conseguir um contrato do género.

Nada, porém, que disfarçasse a realidade: vivia-se uma época, nos Estados Unidos como em outros locais do mundo, em que o combate à segregação racial se avizinhava inevitável. Quando, em dezembro de 1955, uma costureira negra chamada Rosa Parks, ao regressar de um dia de trabalho, se sentou nos bancos da frente do autocarro (o que era proibido), teve início o chamado Movimento dos Direitos Civis dos Negros nos Estados Unidos. Seriam duas décadas de luta e contestação, com muitos incidentes pelo meio, incluindo o desporto e os Jogos Olímpicos.

Neste último caso, é preciso referir a medalha de ouro do pugilista Cassius Clay (depois mudou



Solidários. Pódio dos 200 metros nos Jogos do México, em 1968: Tommie Smith e John Carlos erguem os punhos fechados contra a discriminação racial nos Estados Unidos. O australiano Peter Norman também usou o emblema do Projeto Olímpico para os Direitos Humanos. Na página oposta, os dois atletas em 2014.

o nome para Muhammad Ali, como é hoje conhecido), em Roma, em 1960. Clay cresceu em Louisville, Kentucky, um estado segregacionista, e nunca disfarçou o quanto essa situação o incomodava. Por isso, mesmo depois de passar a pugilista profissional, nunca deixou de questionar a sociedade e o estado das coisas. O seu exemplo contribuiu para o fortalecimento de uma luta que, em termos olímpicos, teria o seu auge nos Jogos de 1968, no México.

Martin Luther King recebera o Prémio Nobel da Paz em 1964, o presidente Lyndon Johnson aprovara no Congresso a Lei dos Direitos Civis, também em 1964, e o movimento denominado Black Power (em que um grupo de negros passou a enfrentar, de armas na mão, os ataques do Ku Klux Klan) surgiu em 1966. Martin Luther King foi assassinado em abril de 1968, e menos de um mês depois aconteceu o mesmo a Robert Kennedy, candidato à presidência dos Estados Unidos (o seu irmão, John F. Kennedy, conhecera o mesmo destino em novembro de 1963).

Foi nesta conjuntura que, em plenos Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México, dois atletas norte-americanos tomaram uma atitude

que entrou para a história e sempre será lembrada através das fotografias em que dois negros, no pódio, levantam o braço, de punho fechado numa luva negra: Tommie Smith e John Carlos haviam ganho duas das medalhas nos 200 metros e entenderam aproveitar a cerimónia no pódio para mostrar ao mundo a importância da luta pelos direitos humanos.

Perante aquele gesto, de exaltação do Black Power, o estádio emudeceu, e o que se seguiu foi... o castigo: Smith e Carlos foram suspensos da equipa norte-americana e expulsos da aldeia olímpica. De regresso ao país, enfrentaram agressões e ameaças de morte, mas, com o tempo, a sua atitude tornou-se um símbolo da luta contra a discriminação racial, e uma estátua alusiva foi erigida em 2005 na *San Jose State University* (Califórnia), da qual ambos eram estudantes na altura.

O BRANCO, 1968

Nessa estátua falta um elemento, o terceiro homem do pódio de 1968, o australiano Peter Norman. Conquistara a medalha de prata, e era o representante de um país com leis de *apartheid* muito rigorosas, onde havia tensão e pro-



Abebe Bikila, em 1960.

De Poage a Bikila

O feito de Jesse Owens e o peso que os atletas negros haveriam de ganhar nos Jogos Olímpicos foram “anunciados” muito cedo: na terceira olimpíada da era moderna, em 1904, em Saint Louis, um norte-americano chamado George Poage foi o primeiro atleta negro a ganhar uma medalha na competição, ao conquistar o bronze nos 400 metros barreiras. Quatro anos depois, em Londres, outro norte-americano, John Taylor, tornou-se o primeiro negro campeão olímpico: venceu uma prova, coletiva, que apenas se disputou nesses Jogos, uma espécie de 4x400 metros, em que os atletas corriam distâncias diferentes num total de 1600 metros: os dois primeiros corriam 200 metros, o terceiro 400 e o quarto 800. Taylor foi o terceiro, fazendo equipa com Melvin Sheppard, William Hamilton e Nate Cartmell. Nesses Jogos, Taylor ainda esteve próximo do ouro nos 400 metros individuais: venceu a eliminatória e a meia-final. Porém, o seu compatriota John Carpenter foi desclassificado, acusado de ter obstruído a corrida do britânico Wyndham Halswelle, e o juiz decidiu mandar repetir a prova sem Carpenter.

Taylor e os outros norte-americanos recusaram-se a correr novamente, e Halswelle correu sozinho, tornando-se o primeiro e único atleta a conquistar uma medalha de ouro sem adversários. John Taylor faleceu em dezembro desse mesmo ano de 1908, com febre tifóide. Para que não se pense que a afirmação do atleta negro nos Jogos Olímpicos teve apenas norte-americanos como intérpretes, vale a pena referir o nome de Abebe Bikila, o primeiro negro africano a ser campeão olímpico. Nascido na Etiópia, venceu a maratona de 1960, em Roma, correndo descalço porque, explicou, “queria que o mundo soubesse que o meu país sempre conseguiu as suas vitórias com heroísmo e determinação”. Voltaria a vencer a maratona quatro anos depois, em Tóquio. Faleceu em 1973, de hemorragia cerebral, mas ficou como uma lenda para a Etiópia e para África, e como exemplo para uma vaga de atletas africanos que haveria de conquistar o domínio das provas de fundo.



Jim Thorpe, em 1915.

Índios na senda de Jim Thorpe

Com o racismo sempre latente no Brasil, a organização dos Jogos do Rio de Janeiro desenvolveu diversas iniciativas para promover a integração e lutar contra a discriminação. Exemplos disso são o facto de ter sido uma atleta negra a primeira a transportar a chama olímpica no Brasil, assim como a entrega da referida chama aos índios das aldeias pataxós, no primeiro dia no estado da Bahia. Outra iniciativa consiste na possibilidade de alguns jovens índios, das tribos Kabemba e Karapanã, integram a equipa olímpica do Brasil, para disputarem as provas de tiro com arco. Há dois anos que três destes jovens treinam com o arco olímpico. A escolha final está marcada para julho. Trata-se também de uma forma de fazer justiça a um dos índios mais famosos do desporto olímpico, o norte-americano Jim Thorpe. Filho de uma índia e de um irlandês, Thorpe foi um dos atletas mais completos do século XX, praticando basquetebol, andebol, tiro com arco, tiro, natação, canoagem, ténis, hipismo, futebol americano e baseball. Em 1912 foi campeão olímpico no pentatlo e no decatlo. Uma lista destas, de grandes atletas de minorias raciais, deve ainda integrar um nome como o de Cathy Freeman, a primeira atleta aborígine a representar a Austrália nos Jogos Olímpicos, em Atlanta 1996.

► O Brasil ainda não resolveu a sua questão racial

testos devido a restrições contra a imigração não-branca e leis discriminatórias contra os aborígenes. Na histórica foto, Norman não levanta o braço, simplesmente olha em frente, mas, se repararmos com atenção, verificamos que tem, no peito, tal como os dois colegas de pódio, um emblema do Projeto Olímpico para os Direitos Humanos, um movimento de atletas que apoiava a luta pela igualdade.

Esse pormenor revela algo esquecido pela história: Norman alinhou com os dois norte-americanos na atitude de mostrar ao mundo que estava em curso uma luta contra a discriminação racial. Smith e Carlos iriam descalços, e iriam calçar as luvas pretas, símbolo da causa dos Panteras Negras, mas só havia um par de luvas e, por sugestão de Norman, cada um deles empunhou uma luva. Para mostrar o apoio à causa, o australiano pediu para si um emblema do referido Projeto Olímpico para os Direitos Humanos, que lhe seria cedido pelo remador norte-americano Paul Hoffman.

A história registou o que sucedeu a seguir: além dos castigos a Smith e Carlos, Hoffman foi acusado de conspiração. Norman, regressado à Austrália, sofreu pesadamente as consequências da sua atitude solidária: foi apagado da história desportiva do país e não foi selecionado para os Jogos seguintes, apesar de se ter qualificado diversas vezes para estar presente. Abandonou a competição, a sua família foi proscrita e arranjar trabalho tornou-se num grande problema.

Quando foi convidado a condenar o gesto de Smith e Carlos, nunca cedeu, e por isso não teve um lugar na organização dos Jogos de Sydney, em 2000. Não foi convidado para o evento, e acabou por ser o Comité norte-americano a convidá-lo para a festa de aniversário do campeão olímpico Michael Johnson. Morreu de ataque cardíaco, em 2006, sem ter recebido um pedido de desculpas do seu país; no funeral, Tommie Smith e John Carlos carregaram o seu caixão. Só em 2012 o parlamento australiano aprovou uma moção pedindo desculpas formais a Peter Norman.

PORTUGAL, 1968-2008

O que se passava em Portugal, enquanto a luta contra a discriminação racial galgava as fronteiras da nação norte-americana e marcava, de forma indelével, uma competição como os Jogos Olímpicos? O país, fechado sobre si mesmo, como era característico do Estado Novo, tinha pouco peso nos Jogos, e ainda menos no que se referia à participação de atletas negros.



Proscrito. Nelson Évora foi o primeiro atleta negro português a conseguir o ouro olímpico, no triplo salto, em Pequim 2008.

que obtivera a nacionalidade portuguesa apenas em 2001.

Finalmente, o título olímpico conquistado por um atleta negro português chegaria em 2008, por Nelson Évora, em Pequim; nascido na Costa do Marfim, Évora venceu a prova do triplo salto. Muito popular, talento incontestado do desporto português, mesmo assim queixou-se, em 2014, de ter sido alvo de discriminação racial, quando, na companhia de outros atletas negros, foi impedido de entrar numa discoteca, em Lisboa.

ESTADOS UNIDOS, 1968-2008

Nada mais foi igual após os Jogos de 1968. A manifestação no pódio de Tommie Smith e John Carlos deu consistência a um processo que tivera a sua primeira grande etapa com Jesse Owens em 1936. A luta contra a discriminação racial prosseguiu, e na verdade nunca terminou, mas na década de 70 essa segregação deixou de existir, pelo menos em termos oficiais, legislativos, com poucas exceções, como o caso do *apartheid* na África do Sul.

Nos Jogos Olímpicos, o domínio dos atletas negros acentuou-se, primeiro nas provas de velocidade, e depois nas de fundo, além de se ter disseminado por outros desportos, como o basquetebol, o futebol, o voleibol e a natação: Michael Jordan, Carl Lewis, Usain Bolt...

Em 2016, 80 anos após a proeza de Jesse Owens, os Jogos Olímpicos têm lugar no Brasil, um país onde a luta contra a discriminação racial foi uma constante durante o século XX, apesar da afirmação crescente de atletas negros nas diversas representações desportivas do país. Se é verdade que um ídolo como Pelé nunca esteve nos Jogos Olímpicos, uma das maiores figuras de sempre do evento é um negro brasileiro: Adhemar Ferreira da Silva, primeiro bicampeão olímpico do país, nos Jogos de 1952 e 1956, sempre no triplo salto. Depois dele, vieram muitos outros, e em várias modalidades, como se verá este ano no Rio de Janeiro.

No entanto, as questões raciais não estão resolvidas no Brasil, e mantêm-se os preconceitos sobre a cor da pele. Talvez por isso, coube a uma atleta negra, a capitã da seleção de voleibol e bicampeã olímpica Fabiana Claudino, ser a primeira a segurar a tocha olímpica no Brasil, recebendo-a das mãos da presidente Dilma Rousseff (entretanto suspensa do seu mandato), no passado dia 3 de maio. “Sirvo de exemplo, de espelho para todas as mulheres, para todos os negros, mostrando que temos o nosso espaço e o nosso momento”, disse Fabiana de forma significativa. Foi um momento histórico e de grande simbolismo, que honra a memória que o movimento olímpico preserva de algumas das suas maiores personagens, com Jesse Owens à cabeça.

J.S.

Depois de Espírito Santo, na década de 30, é preciso destacar Matos Fernandes, outro atleta do Benfica, de origem angolana, nas décadas de 40 e 50. Este, sim, teve uma participação olímpica, em Helsínquia 1952, onde correu os 400 metros barreiras, ficando-se pelas eliminatórias, e competiu no decatlo (16.º). Era um atleta multifacetado (barreirista, velocista, saltador...), e há quem o considere o mais completo atleta português de sempre.

De alguma forma, o aparecimento destes valores no desporto português iam tornando natural a sua presença em algo tão importante como os Jogos Olímpicos. Ainda em Helsínquia, Portugal teve outro atleta negro: Tomás Paquete, de origem guineense, também do Benfica, participou nos 100 e nos 4x100 metros.

Porém, na década de 60 nada há de especial registado: trata-se de uma década conturbada, em que rebenta a guerra colonial e Salazar faz um esforço para manter o país fechado e alheio a influências externas. É verdade que, em termos desportivos, esta é a década do Benfica campeão europeu de futebol, com atletas negros como Eusébio ou Coluna, e da seleção nacional, que brilha no Mundial de Inglaterra em 1966, com jogadores de origem africana como Eusébio, Coluna, Hilário e Vicente: era uma forma de

o Estado Novo proclamar a “multirracialidade” do império. Antes, já Matateu brilhara na selecção de futebol, e o que se pode concluir daqui é que se o talento negro já era uma certeza no desporto-rei em Portugal, mais difícil era afirmá-lo no contexto olímpico.

Por isso, será preciso esperar pelas mudanças operadas pelo 25 de Abril, e por uma nova era na vida do país, para ver atletas negros com regularidade, e com peso, na representação olímpica nacional. Nos Jogos de 1976, que ficariam históricos para Portugal sobretudo pela medalha de Carlos Lopes nos 10 mil metros, participou um jovem nadador nascido em Moçambique, então com apenas 15 anos, chamado Rui Abreu. Na altura, era atleta da Académica: participou nos 400 e nos 4x200 metros, mas ficou pelas eliminatórias. Regressou quatro anos mais tarde, em Moscovo 1980, não passando também das eliminatórias. Faleceria dois anos depois, nos Estados Unidos, onde nadava e estudava, alegadamente por suicídio.

Mesmo em período de democracia, e muitos anos após o fim da guerra colonial, poucos atletas negros surgiam nas equipas olímpicas de Portugal. Vale a pena referir o exemplo de Lucrecia Jardim, nos Jogos de Barcelona, em 1992, porque, além de afirmar a presença da

força negra na comitiva nacional, era também um exemplo da emancipação da mulher de ascendência africana. Nascida em Cacongá (Angola), Lucrecia deu nas vistas nas provas de velocidade, e conseguiu uma inédita presença portuguesa na final da estafeta de 4x100 metros. Participaria ainda nos Jogos de Atlanta, em 1996.

Outra atleta negra, de grande destaque, que marcou presença nos Jogos de 1992, foi Carla Sacramento. Descendente de são-tomenses, tornou-se numa das maiores especialistas portuguesas de meio-fundo, obtendo vários títulos e marcas de destaque. Além de Barcelona 1992, ainda participou nos Jogos de Atlanta 1996, Sidney 2000 e Atenas 2004.

O século XXI marca, aliás, a afirmação cada vez maior de atletas negros na representação nacional. Destes, o primeiro a conquistar uma medalha olímpica seria o judoca Nuno Delgado, em Sydney 2000. De origem cabo-verdiana, conquistou o bronze na categoria de -81 kg.

Quatro anos mais tarde, em Atenas, outro português de origem africana, Francis Obikwelu, ganhou a medalha de prata nos 100 metros. Obikwelu, nascido na Nigéria, é um exemplo de afirmação e integração de um atleta negro nas representações lusitanas, ele